



EDITORIAL: *Dossiê Gênero e Diversidade na Antiguidade*

Sarah Fernandes Lino de Azevedo

sarahazevedohistoria@gmail.com
Professora Adjunta de História Antiga (UFBA)

Mamede Queiroz Dias

Mamede.queiroz@gmail.com
Doutor em História (UFOP)

Luísa Amado Monteiro

luisaamado@outlook.com
Doutoranda em História Comparada (UFRJ)
Orientador: Dr. Deivid Valério Gaia

Os Estudos de Gênero vêm propiciando uma renovação de temas canônicos, contribuindo, por exemplo, para uma nova compreensão da relação entre as esferas pública e privada, para a ressignificação do conceito de política e para a valorização de novas agências e experiências de grupos invisibilizados tanto pela historiografia moderna quanto pelos documentos literários legados da Antiguidade. Novos problemas, métodos e perspectivas analíticas sobre o mundo antigo contribuem também para a observação do nosso próprio presente. Auxiliam, por exemplo, na compreensão de fenômenos como a apropriação de temas e documentos derivados da Antiguidade para a criação de discursos misóginos, eurocêntricos e patriarcais. Ou, ao contrário, auxiliam a problematizar e contestar tais discursos, apontando para a busca da diversidade, dos agentes diversos que se fazem vivos na gama de documentos escritos e da cultura material das múltiplas sociedades que coabitaram o mundo antigo.

Esta presente edição da Revista Gaia apresenta o dossiê temático "Gênero e Diversidade na Antiguidade", reunindo estudos que evidenciam aspectos da diversidade na Antiguidade. A edição está dividida em quatro segmentos. O primeiro deles, o dossiê temático, é composto por nove artigos que exploram temas variados, abordando uma ampla gama de documentos da Antiguidade e de tendências historiográficas. Em seguida, temos as seções "Análise de Fontes", "Produto de História Pública" e "Varia", cada uma delas apresentando um texto.

O dossiê se inicia com o artigo intitulado "Entre diversidade e normatividade: o exemplo de Atalanta", de Rafaela França da Silva. Explorando o conceito de gênero e a sua relação com a ideia de performance, a autora analisa o caso de Atalanta, uma jovem devota de Ártemis, que tinha aversão a homens e decide, assim como a deusa, se manter virgem. Nessa situação, Atalanta ocuparia uma posição ambígua na sociedade grega, desempenhando papéis que eram considerados tanto masculinos quanto femininos. Analisando fontes diversas, como Hesíodo, Eurípedes, Apolodoro, Ovídio etc., Rafaela da Silva demonstra como a representação de Atalanta poderia ser considerada perigosa, especialmente quando desempenhava papéis masculinos, ou seja, performances que fugiam às expectativas cis-normativa grega. Na sequência, no artigo de Vander Gabriel Camargo, "As cenas de Posídon e Pélops através das óticas de Foucault e de Butler: masculinização e performatividade de Gênero", temos a análise da paixão do deus Posídon pelo príncipe da Lídia, Pélops. Partindo de um conjunto de dezesseis cerâmicas áticas produzidas entre os séculos VI e IV a.e.c., e por meio do aparato analítico foucaultiano e butleriano, o autor argumenta que a representação imagética do mito funcionava como um mecanismo de poder que buscava normalizar as práticas pederásticas na sociedade ateniense, especialmente quando associadas ao caráter ritualístico de passagem para o mundo adulto. Chamando atenção para a produção social do gênero, Camargo enfatiza que a sua construção é sempre um

esforço contínuo e que passa por constantes reelaborações na sociedade grega.

Deixando as representações de figuras mitológicas, a seguir, temos o artigo "Estrangeiro, Ostentador, Grand Madre, Imperador: as múltiplas facetas de Heliogábalo", de Larissa Nogueira Fernandes e Mariana Barrozo Gonzalez. Nele, as autoras investigam as múltiplas facetas da representação do imperador Marco Aurélio Antonino, conhecido posteriormente como Heliogábalo, da família dos Severos. Busca-se demonstrar como os predicativos negativos de Heliogábalo foram operados em um contexto de disputas de poder dentro da elite romana. Na sequência, no artigo "Higeia ao dormir e ao acordar", João Vinicius Gondim Feitosa nos apresenta Higeia, deusa da saúde. Filha de Asclépio, deus da cura, Higeia tinha notoriedade, sendo representada em par com o pai, e honrada em cultos públicos e privados. Feitosa explora a dimensão de Higeia no cotidiano, uma vez que o nome Higeia era utilizado, por exemplo, como saudação entre as pessoas antes de dormir. Desta forma, o autor analisa as peculiaridades da manifestação de Higeia, focando na personificação da saúde em uma divindade feminina, explorando o papel das mulheres na construção do cotidiano na Grécia antiga, atuando como mantenedoras da saúde.

No artigo "Diferenças e semelhanças entre as relações homoafetivas na Grécia e em Roma", Michael dos Santos Sanches analisa as especificidades das relações homoafetivas na Grécia e em Roma, compreendendo-as como instituições sociais distintas. O autor apresenta as principais questões tratadas pela historiografia que se dedica ao tema, assim como os documentos que embasam as discussões historiográficas recentes. Desta forma, Sanches explora questões como a do anacronismo no uso do termo "homossexualidade", o caráter pedagógico da pederastia na Grécia e as preocupações jurídicas romanas em torno da performance da masculinidade. Em seguida temos o artigo de Dielson Costa "Sujeitos historicamente excluídos, mudanças e permanências no modelo

educacional *Egkýkliā*", que explora o caráter excludente do modelo educacional grego chamado *Egkýkliā*. O autor discute a exclusão de agentes como mulheres, escravos e pobres e de que forma alterações durante o período clássico e helenístico afetaram estes grupos. Para isto, Costa apresenta e analisa documentos que atestam tanto a exclusão como a inclusão desses agentes, apontando para a diversidade e trazendo importantes evidências, como a da participação das mulheres na Filosofia.

Em "A sensualidade como meio de manipulação feminina: o caso do mito de Psiquê e Eros em *O asno de ouro* de Apuleio (séc. II d.C.)", de Bruna Carolina Monteiro, temos um estudo da representação da sexualidade e do erotismo feminino na obra de Apuleio. A autora analisa o mito de Psiquê e Eros, narrado nos livros IV e V de *O asno de ouro*, apontando para as especificidades históricas e contextuais subjacentes à obra. Monteiro explora, dentre outras questões, a duplicidade da sensualidade feminina, representada tanto como instrumento de subordinação e emancipação das mulheres. Na sequência, o artigo de Kálita Torres de Moura, "Boudica: a rainha guerreira celta e sua construção social segundo Tácito e Dion Cássio", oferece uma análise sobre a imagem de Boudica. Moura nos traz um estudo da construção da imagem de Boudica em documentos escritos pelos autores Tácito e Dião Cássio. Boudica liderou tropas contra o exército romano, tendo vencido batalhas, em uma insurgência dos bretões contra os abusos do domínio romano na região. A autora demonstra as especificidades das narrativas sobre este episódio nos relatos de Tácito e Dião Cássio, se atentando para os estereótipos de gênero.

Por último, o artigo "De Artemísia a Jovita: heroicidade feminina e a recepção da Antiguidade Clássica na Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário", de Mariana Soares Zuchetti, apresenta um estudo de caso que elucida a construção da heroicidade feminina. A autora analisa de que forma Jovita, que participou como voluntária na guerra do Paraguai, é retratada em um artigo publicado na Revista Mensal da

Sociedade do Partenon, intitulado "These *histórica: Jovita é, ou não uma heroína?*", em 1869. Neste referido artigo, Jovita é comparada a várias mulheres. Chama a atenção de Zuchetti a comparação de Jovita com Artemísia, que segundo Heródoto teria participado da Batalha de Salamina. Desta forma, por meio da análise deste elemento, a autora aponta para questões de gênero na recepção da Antiguidade na construção da heroicidade feminina no século XIX.

Partindo para as seções "Análise de Fontes", "Produto de História Pública" e "Varia", temos o artigo intitulado "As Upanisads como fontes históricas", de autoria de Leonardo Ricardo de Oliveira. Ao privilegiar um recorte – espacial e cultural – ainda pouco estudado no Brasil, o artigo apresenta a análise das Upanisads, conjunto de composições anônimas que versam, de modo geral, sobre a temática filosófico-religiosa, como uma profícua oportunidade para nos debruçarmos sobre a Índia Antiga. Em consonância com os pressupostos que orientaram este dossiê – gênero e diversidade –, o autor sustenta que a análise das Upanisads nos permite ter contato com importantes aspectos inerentes à sociedade indiana, dentre os quais destacou: o silenciamento social aplicado ao gênero feminino e o uso da cor da pele como um mecanismo de distinção social entre as castas dominantes e as subalternas. O artigo de Oliveira evidencia, ainda, a importância de conciliarmos a análise dos textos sagrados, como as Upanisads, às contribuições das pesquisas arqueológicas recentes, com o intuito de construirmos uma leitura crítica e mais completa da antiga sociedade indiana.

Concentrando-se nas disputas que marcam o uso da categoria "gênero", seja em meio ao exercício historiográfico ou em meio ao senso comum, o artigo intitulado "Entre desafios, resistências e realizações: os bastidores da organização de um congresso sobre gênero e sexualidade na Antiguidade durante o governo Bolsonaro", de autoria de Paloma Flavio Betini e Lorena Sayuri Nakashima, compõe a seção dedicada aos produtos de História Pública, tendo em vista que propõe um relato sobre a

organização e a realização do “I Congresso Online do Messalinas”, que ocorreu entre os dias 24 e 28 de Outubro de 2022 e teve como temática “Gênero e Sexualidade na Antiguidade: possibilidades de pesquisa e ensino”. Para além de questões organizacionais, como a composição do material de divulgação e a programação do evento, as autoras consideram que o congresso organizado pelo Messalinas, grupo colaborativo que se dedica aos estudos sobre gênero e sexualidade na Antiguidade, não apenas possibilitou um espaço de importantes discussões de caráter teórico-metodológico como também evidenciou o crescente interesse dos pesquisadores brasileiros pelos Estudos de Gênero.

Por fim, esta edição também é composta por um artigo livre, intitulado “Às vontades do vulcão: representações do mundo natural n’Os últimos dias de Pompeia (1913)”, de autoria de Heloisa Motelewski. Trata-se de uma contribuição que mobiliza um aparato teórico-metodológico advindo dos Estudos de Recepção, para pensar através da relação entre a História e o Cinema, como elementos arqueológicos, literários e pictóricos pompeianistas foram mobilizados na contemporaneidade, em específico na produção silenciosa de Arturo Ambrosio – *Os últimos dias em Pompeia* (1913) – de modo a criar uma imagem específica sobre o mundo natural pompeiano no cinema italiano do século XX.

Desejamos uma boa leitura!